

**PESQUISARCOM: EFEITOS DE UMA OFICINA DE
EXPERIMENTAÇÃO CORPORAL COM PESSOAS CEGAS E COM
BAIXA VISÃO**

Alexandra Simbine
Beatriz Pizarro
Carolina Sarzeda
Dandara Chiara
Gabriele Chaves
Juliana Cecchetti
Larissa Mignon
Lia Paiva
Luana Garcia
Márcia Moraes
Raffaela Petrini
Thaís Amorim

Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

percebersemver@googlegroups.com

Mesa 5: encontros e derivas, a clínica como experiência estética

Resumo:

A pesquisa Perceber sem Ver realiza-se no Instituto Benjamin Constant (IBC) e conta com um dispositivo-intervenção, as Oficinas de Experimentação Corporal, oferecidas às pessoas cegas e com baixa visão. Nas oficinas, exploramos o encontro entre corpos-músicas-bexigas-sons e investigamos aquilo que o corpo pode vir a criar. Definimos corpo como corporeidade, existência que se realiza na prática de experimentar-se. A perda da visão exige uma (re)eleboração da relação entre cada corpo singular e o mundo. Perguntamos: quais os efeitos de uma oficina de experimentação corporal com pessoas cegas e com baixa visão? Lançando mão do método pesquisarCOM, afirmamos que o trabalho corporal coloca em cena um eu-corpo sabido de si mesmo, que no caminho de experimentar-se, apreende de si e partilha essas descobertas em conjunto. O corporeisar-se, dado nas oficinas, passa corporeisar a cegueira, passa também pelo corporeisar nossos próprios corpos de pesquisadoras, nossos próprios referenciais visuocêntricos.

Palavras-chave:

Corporeidade; PesquisarCOM; Deficiência Visual.

A pesquisa Perceber sem Ver é realizada no Instituto Benjamin Constant. Contamos com um dispositivo-intervenção, as Oficinas de Experimentação Corporal, oferecidas às pessoas cegas e com baixa visão matriculadas no setor de reabilitação do IBC. As oficinas trazem à cena atividades com diferentes materiais e dinâmicas corporais. Buscamos explorar no encontro entre corpos-músicas-bexigas-sons..., aquilo que o corpo pode vir a criar.

Muitas vezes, o espaço da reabilitação institui que o cegar implica em uma perda de movimento, marcando-o como falta. Nós apostamos na reabilitação como outro modo de experimentação, conectado com o movimento que é próprio da vida. Se a cegueira, inicialmente, implica em restringir o movimento, a oficina de experimentação corporal é um espaço de criação de novas possibilidades, de ampliar e alargar a harmonização do corpo e promover outras versões para além do ser cego (Barros, 2013).

Tomamos o corpo enquanto corporeidade, existência que se realiza apenas enquanto prática de experimentar-se. Cada corpo está constantemente recriando-se, redesenhando suas bordas, a partir de cada encontro, cada relação que estabelece consigo e o mundo. Trata-se, então, ao contrário de pensar o corpo como uma instância finalizadora, pensá-lo enquanto um viver-se, uma experiência de corporeisar-se (Elias, 2013). Um corpo que parte do primado da relação (Latour, 2007), ou seja, que só é possível com o outro. Dessa maneira, o corpo é trabalhado nas oficinas buscando essa presença dinâmica que constrói redes, mobiliza histórias e se articula no afeto. Por isso, os efeitos que surgem desse trabalho são sempre marcados pelo lugar de onde partem: pelos que experimentam o mundo a partir da cegueira.

A perda da visão, exige uma (re)eleboração da relação entre cada corpo singular e o mundo. Agitadas, portanto, por esses processos diários de reinvenção, guiamos a escrita desse trabalho por um fio questionador: quais são os efeitos de uma oficina de experimentação corporal com pessoas cegas e de baixa visão?

Diário de campo 29/05/2015

Havíamos planejado trabalhar os ritmos, a atenção, o coletivo com a roda. Ao final da oficina, perguntamos: “Como foi o encontro de hoje?”. Zeca, participante da oficina, cego há mais ou menos 5 anos, tomou a palavra e começou a falar o quanto havíamos trabalhado, nos exercitando e quão bom era fazer isso. Zeca dizia: “É bom se exercitar, se mexer. Porque a gente tem que se movimentar, isso nos faz mais vivos. A vida é movimento. O que está vivo se move. Mesmo quando a gente não está fazendo nada, quando a gente está parado, o nosso corpo, nossos órgãos, nosso sangue... tudo está circulando. E a gente só para mesmo de se mover quando morre. Quando não mexer mais, pode ver que está morto. Mas enquanto vivo, tá se mexendo, tá circulando! Enquanto vivo, movimento!”

As marcas em nossos corpos são e falam de lugares e experiências completamente distintas que não se encerram no ver e não ver (Moraes & Kastrup, 2010). O espaço entre nós e eles é cheio de marcas únicas. Há um estranhamento que se faz presente na relação: o encontro não é óbvio nem prescrito. Um, experimentou com seu corpo certos cantos do mundo, enquanto o outro habitava outros caminhos. O que os engaja em um encontro, assim, não é dado. Na oficina, espaço desse engajamento, a relação entre diferentes é artesanalmente performada. Entre pesquisadoras e pesquisadoras, entre participantes e participantes, entre participantes e pesquisadoras, o espaço “entre” se transforma em um convergir. Nesse momento criamos frestas e nos tornamos espaços abertos para a afetação.

Diário de campo, 25/05/2015

Para essa oficina, planejamos experimentar a entrega de nosso corpo e nosso peso ao toque e suporte do outro. Fomos para perto de cada um deles. Todos estavam de olhos fechados. Antes de tocarmos em seus braços, falei que, neste momento, nos

aproximávamos e pedi licença para tocá-los. Comecei tocando a pele de Antônio, minha dupla. Era difícil para Pedro soltar todo peso. Quando eu começava um movimento, ele logo mobilizava o braço para me ajudar.

Tentei chamar Pedro e pedir que confiasse seu peso a mim, mas ele não escutou. Pedro, cego, também ficava surdo. Ele foi me ajudando com os movimentos. Fui então erguer um pouco a sua cabeça. Cabeça pesa, né? Senti que neste momento, Pedro entregou seu peso a mim. Eu pude segurar sua cabeça, ele pode soltá-la em minhas mãos. E fomos nós. Fazia uma experimentação também com o meu corpo. Meus braços estavam entregues ao exercício. Ao terminarmos, minha mão estava tão quente que precisei mantê-la ainda próxima de Pedro para uma despedida mais demorada.

Para fiar um espaço de encontro no “entre” são necessários deslocamentos mútuos. O encontro pede o engajamento de um corpo que se faz sensível ao outro e às inúmeras possibilidades que podem emergir dessa relação. Para estar com, há uma presença necessária, uma inteireza para poder perceber e estar aberto a modulações. Diversas vezes, ao compormos o coletivo das oficinas, nos vemos diante de impasses porque nossos corpos (de pesquisadoras e videntes) estão habituados a repertórios organizados a partir do referente visual. É tão somente por esses encontros e seus impasses que nos achamos em vias de alargar nossos repertórios corporais e de encontrar novos “eu-corpo”, compostos agora por atravessamentos trazidos pela cegueira e quaisquer outras singularidades que compõem o corpo do outro.

No contato entre dois ou mais corpos, há encontros possíveis. E o possível vem somente quando há frestas entre os limites da pele e das memórias de cada corpo para a partilha e construção com um outro. O possível está no corporeisar-se e se disponibilizar com o coletivo. O corpo marcado de memórias experimenta deslocar suas marcas a partir de novos movimentos, cheiros, tatos e a partir de novos corpos, estes também cheios de relevos. O corpo enquanto corporeidade se recria na relação, se reescreve em coletivo.

A dificuldade de Pedro para ouvir a pesquisadora faz surgir uma incomunicabilidade pela fala imprevista. Um impasse que não estava no roteiro,

que coloca rapidamente Raffa (a pesquisadora) e Pedro na posição de estrangeiros. A princípio, a estranheza, o impasse, o imprevisto. Foi, enfim, a partir da disposição ao encontro e da sensibilidade à diferença, através de uma relação de confiança que esse contato pôde acontecer. Foi entre o tensionar e reter, o suportar e confiar que Pedro pode soltar sua cabeça sobre as mãos de Raffa, que pôde então sentir o peso da cabeça de Antônio. Houve aí um deslocamento mútuo, construído no momento da experiência. Para isso, tanto um quanto outro precisaram estar presentes como corporeidades, se deixando agir e reagir àquele encontro e tirando dali novas informações e pistas.

O trabalho com o corpo enquanto corporeidade traz como consequência uma pesquisa pessoal simultânea ao processo de viver-se. Experimentar-se é questionar-se também sobre o que é ser corpo, é também estar no caminho colhendo pistas sobre essa experiência. É abrir-se para a pesquisa da experimentação/criação/atualização de ser. Assim, nas oficinas, nós com eles e eles conosco, caminhamos colhendo pistas sobre a experiência de sermos corpo. E essa colheita não é exclusiva nossa, se põe em prática em coletivo. Isso nos dá um novo sentido de pesquisarCOM. A partir do trabalho corporal, corporeisamo-nos COM, descobrimos novas pistas e seguimos pesquisando, tecendo novas versões sobre o que é ser corpo. Somos seguidamente afetados por falas, gestos, toques, expressões que dizem respeito a esse tipo de saber sobre o corpo e que repetidamente criam novas bordas a ele. A pesquisa COM, dessa maneira, aparece a partir da partilha de pesquisas que estão na memória do corpo de cada um participa das oficinas. O corpo de oficina, de alguma maneira, produz uma abertura para fazer falar através das durezas do corpo-organismo, corpo-transeunte-de-um-mundo-duro. Considerar

o corpo como nossa maneira de estar no mundo, em suas singularidades, camadas e infinitas versões, ter o corpo sensível como disparador, traz oportunidade para a partilha de saberes sobre ele. Assim, partilhamos novas e velhas descobertas, novas e velhas angústias, novas e velhas histórias sobre o que é ser um eu-corpo.

Por isso mesmo, o corporeisar-se, dado nas oficinas, passa sempre pelo viver e corporeisar a cegueira, passa ainda pelo viver e corporeisar nossos próprios corpos de pesquisadoras, nossos próprios referenciais visuocêntricos. Os corpos que compõem a Oficina são a todo tempo interpelados pela cegueira. E as pistas que dele colhemos trazem sempre essas marcas. Mas, ainda, são sempre tecidos e fiados com as miudezas, histórias únicas, percepções e descobertas únicas, de cada um e principalmente, pelas singulares formas e versões da cegueira que são ali partilhadas.

Diário de Campo, 2013

Dulcinéia ficou um tempão segurando a esponja, não quis interferir, fui sendo guiada pelo tempo deles. Depois de alguns minutos, ela quis dividir conosco a sensação que a esponja provocara: era como se ela estivesse absorvendo todos os seus problemas. Neste dia, Dulcinéia chegou na oficina bastante preocupada com seu filho que saíra sozinho pela manhã para um lugar distante. A esponja ajudou a criar um outro lugar para esta angústia vivida. Disse ainda que quando for lavar louça a partir de agora, irá lavar com ela a sua mente também.

Como podemos perceber os efeitos clínicos de uma oficina de experimentação corporal com pessoas cegas e de baixa visão? O fio que nos conduz já aponta uma relação, que nos é muito precisa e preciosa, entre o conhecer e o cuidar. Apostamos que em um processo de pesquisa, de produção de conhecimento, podemos produzir também cuidado. Na ação de pesquisarCOM, nossa direção ética se efetiva, a preposição COM é tornada

verbo, isso implica tornar-se junto, corporeisar-se com o outro na própria ação de pesquisar.

Ao poder escutar o que surge para além da prescrição da cegueira; ao poder perceber que o corpo que cega tem outros projetos, outras conexões como dançar, lavar louças, viajar, envelhecer e muito mais; ao compartilhar as rotas desviantes desses corpos, produzimos saúde, colhemos os efeitos clínicos daqueles corpos corajosos, corajosos porque são capazes de se arriscar. O corpo é corajoso quando arrisca, se lança a experimentar, a pôr-se a prova. Nas histórias que colhemos dos corpos que cegaram ou estão às vias de cegar, o corpo é investido de coragem a cada momento, pois o mundo ali aparece como ameaçador, como o mundo das quedas.

Ouvir o que está para além da meta desses corpos que cegam é produzir outros caminhos possíveis, desvios nas rotas duras de uma saúde normalizadora. Entendemos que a saúde se faz nas pequenas provas, nos riscos sutis ou ousados, que o corpo imbuído de coragem investe. Os efeitos clínicos tornam-se palpáveis, visíveis, dizíveis quando a saúde é ação, é feita verbo, quando se costura, faz e desfaz, no gerúndio do viver. Entre um projeto de corpo e o processo de tê-lo inúmeros desvios traçam outros destinos, outros corpos possíveis. Saúde nos sopra como plasticidade.

Nas nossas oficinas os efeitos clínicos nos vêm como esses sopros de uma saúde possível. Colhemos esses efeitos quando podemos ouvir as coragens daqueles corpos, porque naquilo em que foi corajoso ampliou a vida em mais um grau, e aí a vida já não pode mais voltar o que era antes, porque já ficou diferente, porque já foi um passo além, já criou uma pele a mais.

Referências Bibliográficas

Barros, L. P. (2013). Movimento Sensível e Vital: Uma oficina articulando a cegueira com o mundo. *Tese de doutorado*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Canguilhem, G. (2000). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Conti, J. (2015) Contar histórias, povoar o mundo: versões de um encontro com a loucura e a cegueira. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Elias, M. (2013) (M)eu corpo: A corporeidade como espaço potência de criação. Retirado em janeiro de 2015 do <http://www.escolaangelvianna.com.br/seminario/anais/trabalho/meu-corpo-a-corporeidade-como-espaco-potencia-de-criacao>, homepage.

Haraway, D. (2008) *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Latour, B. (2007) Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In Nunes, J. A. e Roque, R. (Orgs). *Objetos impuros. Experiências em estudos sociais de ciência (PP. 39-61)*. Porto: Edições Afrontamento.

Moraes, M. (2010) PesquisarCOM: Política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, Marcia. & Kastrup, V. (Orgs.) *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Ed. NAU/FAPERJ, 2010.

Moraes, M. & Kastrup, V. (2010). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Ed. NAU/FAPERJ.

Moser, I. (2000) Against normalisation: subverting norms of ability and disability.

Science as Culture, 9 (2), pp. 201-240.

Rosa, J. G. (2001). *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.